

Livro de Comunicações do Colóquio

“CAMINHOS DO MAR”

Departamento de Cultura  
Câmara Municipal do Funchal

Maio 2001

Liv  
F]

# História e histórias de um século de colonização do Brasil, em diálogo

Maria Teresa Nascimento

Os Diálogos das Grandezas do Brasil<sup>1</sup> revelam, logo após o período de ressurgimento quinhentista do género, uma faceta que estava ainda ausente deste tipo de literatura, a da celebração dos territórios descobertos.

Apesar de o Soldado Prático, o Diálogo sobre a Conversão do Gentio, e até mesmo os Colóquios dos Simples e Drogas da Índia terem como pano de fundo, de forma directa ou subjacente, a expansão portuguesa, em nenhum deles se faz a apologia dos mundos descobertos ou a sua descrição, pelo que a obra que aqui analisaremos se reveste de um significado particular por ser a primeira vez em Portugal que ao diálogo é dado debruçar-se sobre tal temática. Os Diálogos das Grandezas do Brasil vêm assim ao encontro de uma natural apetência pelo conhecimento dos territórios recém-descobertos.

Afastando-se do tratado científico, do manual de referência histórica ou mesmo das crónicas, o diálogo, pelo seu recurso à coloquialidade, pela introdução do discurso directo, pela vivacidade que algumas vezes conseguia imprimir-lhe, afigurava-se, por ser capaz de abranger e interessar um público mais vasto, como um substituto potencial dos referidos géneros, não deixando, ainda assim, de cumprir a vertente pedagógico-didáctica a que também eles se propunham.

Não nos ocuparemos, por falta de elementos, e também porque ela se nos não afigura por ora relevante, de uma questão que sobejamente prendeu a atenção de críticos da obra. Referimo-nos à identificação autoral, já que, tanto o manuscrito de Leiden quanto o de Lisboa se apresentam apógrafos. Varnhagen foi o primeiro a tentar encontrar resposta para o problema, sugerindo o nome de Bento Teixeira, autor da Prosopopeia. Mais tarde, Capistrano de Abreu aventaria o nome de Ambrósio Fernandes Brandão, baseado em argumentos que viriam a ser secundados e acrescentados por Rodolfo Garcia e por José António Gonçalves de Melo, rejeitando ainda este último a hipótese do Padre Travaços, proposta mais recentemente por Eládio Ramos<sup>2</sup>.

Os Diálogos sobre as Grandezas do Brasil apresentam-se estruturalmente divididos em seis, todos eles, com excepção do primeiro<sup>3</sup>, precedidos de breve didascália, elucidando a matéria a tratar. Esta partição, habitual no diálogo de ascendente ciceroniano, correspondia à pausa, nascida das necessidades de repouso dos interlocutores, após um dia de reflexão aturada e salutar. Obrigações inadiáveis de uma das personagens inviabilizam o prosseguimento do 4º Diálogo no dia aprazado e convertem o espaço que medeia entre o primeiro e o último, em sete dias.

São Brandónio e Alviano as únicas personagens intervenientes. À segunda, que diz ser nova naquelas paragens<sup>4</sup>, cabe oferecer o pretexto para o diálogo. A manifestação do seu descrédito pelas múltiplas riquezas do

Brasil oferece ensejo a Brandônio, conhecedor mais profundo das terras brasileiras, para o demover, o que, logo desde os primeiros momentos, é conseguido sem dificuldade.

Os diálogos organizam-se, assim, orquestrados pelas respostas às perguntas e comentários de Alviano, tentando Brandônio cumprir o propósito inicial da demonstração da grandiosidade do Brasil, para o que reiteradamente afirmará prestar-se a conceder provas como convém ao seu intuito persuasivo.

O texto apresenta, por isso, uma vertente marcadamente circunstancial. A datação de alguns eventos, referida de forma dispersa por Brandônio, porque cronológica não é a ordenação da matéria, para além de poder responder à pretendida veracidade, permite-nos ainda apontar 1618 como o ano da composição da obra. Dos sucessos havidos até então, da História e histórias do Brasil, nos propomos aqui tratar..

Começando pela História do Brasil, diremos que ela se organiza em torno dos seguintes eixos: povoamento, clima, divisão administrativa, fauna, flora e gentes.

Menção breve e casual é a constituída pela referência à descoberta do Brasil, casual como também a pretende Brandônio, por Pedro Álvares Cabral, aquando da segunda expedição à Índia, no interior de um texto que se quer todo ele de justificação das grandezas de um território. Por isso mesmo não nos cause estranheza a profusão de adjectivos, nomes e advérbios que servem este propósito e que tentam de alguma maneira obviar à ausência do contacto directo com o real que se descreve. Citamos alguns exemplos, necessariamente redutores, dada a frequência com que eles fazem o seu aparecimento no texto:

“Não vedes vós que o Brasil produz tanta quantidade de carnes domésticas e selváticas, de que abunda; tantas aves mansas, que se criam em casa, de toda a sorte, e outras infinitas que se acham pelos campos: tão grande abundância de pescado excelentíssimo e de diferentes castas e nomes: tantos mariscos e cangrejos que se colhem e tomam à custa de pouco trabalho; tanto leite que se tira dos gados tanto mel que se acha nas árvores agrestes; ovos sem conta: frutas maravilhosas, cultivadas com pouco trabalho (...) tanto legume de diversas castas, tanto mantimento de mandioca e arroz, com outras infinidades de coisas salutíferas (...)”<sup>5</sup>

Apesar da ordenação de matérias que Brandônio imprime aos diálogos, não é de estranhar encontrarmos em cada um deles referências imbricadas a assuntos já abordados anteriormente. É por esta razão que as questões do povoamento e seus povoadores terão que buscar-se ao longo de toda a obra. Avulsamente colhidos se concluem os seguintes dados:

1. Os Portugueses não ousaram, praticamente ainda, penetrar no sertão, facto que Alviano condena, até porque torna impossível o conhecimento da existência de minas, levando-o a ironizar sobre a hipótese de o ouro e prata estarem apenas reservados aos territórios descobertos pelos Castelhanos;

2. As capitânicas mais povoadas são as de Pernambuco e Baía de Todos-os- Santos;
3. Apesar da origem social duvidosa dos povoadores, a excelência da terra tornou-os iguais a ela própria;
4. O Brasil tem, à data da composição dos Diálogos, gente bastante para o povoar;
5. Organizavam-se os povoadores em actividades que diziam respeito à agricultura e comércio, servidos por escravos provenientes da Guiné, elementos essenciais na economia brasileira que gravitava, na época, sobretudo em torno da produção e comércio açucareiro. Os seus lucros permitiam aos colonos levar uma vida de fausto assim descrita:

“(...) o gasto dos senhores é grandíssimo com os muitos cavalos ajaezados, librés e vestidos custosíssimos, que tiram de ordinário para si e seus filhos, porque a cada quatro dias se fazem festas de touros, canas e argolinhas e outras semelhantes (...) nas quais gastam os que as fazem e nelas entram, grande quantidade de dinheiro, além de serem muito liberais em darem a particulares dádivas de muita importância”<sup>6</sup>

Num longo excurso, Brandónio descreve-nos os vários tipos de engenho, de acordo com a moenda de açúcar neles efectuada, a água, com a ajuda de bois, os chamados trapiches, e uma nova maneira de moenda, a dos palitos, mistura dos dois primeiros sistemas, que na óptica de Brandónio, poderá vir a destroná-los. Igualmente oferecido ao nosso olhar é o processo de clarificação do açúcar, bem como o dos derivados finais: retames e batidos.

Também Brandónio não esquece a explicação sobre as diferenças entre dízima e redízima e respectiva isenção, concedida por dez anos, àqueles que construísem novos engenhos.

Num confronto que, mais do que uma vez, surge nesta obra, entre a Índia e o Brasil, Brandónio conclui que mais beneficia a coroa portuguesa com o comércio açucareiro do que com as especiarias do Oriente. Para espanto de Alviano, demonstra-se como a concessão de prerrogativas enraizadas nos hábitos dos portugueses, tornava demasiado pequeno o espaço das naus para o armazenamento das especiarias, com o conseqüente acréscimo de preço e menor rentabilidade lucrativa. A dispersão da mercadoria em partes várias do Oriente, obrigando à sua reunião antes do embarque para Portugal, acarretava despesas que, depois de bem pesadas, só podiam levar à inevitável conclusão de ser mais vantajoso o comércio com o açúcar e fazer a Brandónio sugerir que sejam levadas as sementes de pimenta para o Brasil e aí produzi-la no seu solo fértil. Também o paralelo entre o modo pelo qual se fazia a armação das nossas naus com o holandês, em que cada mercador entrava com uma quota parte nos gastos, directamente proporcional aos futuros ganhos, ajuda-nos a perceber o ritmo voraz das perdas com o comércio do Oriente.

A divisão administrativa do Brasil em capitânicas leva Brandónio à descrição de cada uma delas, até ao Sul, por apenas serem essas as que

conhece, como afirma. Catalogadas por ordem de riqueza, recebem no texto o desenvolvimento correspondente à sua importância que passará pela referência à extensão, localização geográfica, detalhadamente apontada, cidades mais importantes e recursos económicos, acompanhados ainda da inventariação das ordens religiosas nelas estabelecidas.

Igualmente suscitará a reflexão de Brandónio a forma pela qual se exerce a justiça no Brasil. O estabelecimento da Relação na Baía e os trâmites processuais levam a personagem a retirar proveitosas ilações para quem delas se queira servir. A morosidade inerente a qualquer causa arrasta perdas irreparáveis para os que clamam justiça. A burocracia torna lícito afirmar que teria sido preferível que apenas ao Reino fosse cometido aquele exercício, porque, mesmo contando com a distância, os resultados seriam mais rápidos e eficazes.

No tocante à flora, a exposição de Brandónio articula-se, de maneira a, com a referência às várias espécies locais, poder constituir uma horta, um jardim, um pomar. Para além das inúmeras espécies endémicas, conclui a personagem que tudo o que em Portugal se produz igualmente poderia fazer fruto no Brasil e, se espécies já experimentadas não frutificaram, isso aconteceu por negligência dos povoadores, bastas vezes criticada ao longo da obra.

De forma necessariamente sumária, são inventariadas muitas das árvores produtoras de madeira e igualmente referidas as suas aplicações. Destaque especial vai naturalmente para o pau-brasil, de importância crucial para a economia brasileira. Não preocupa a Brandónio a descrição das espécies, nem eventualmente a sua comparação com outras europeias. Lembramos, pela diferença, o que acontece, por exemplo, com os Colóquios dos Simples e Drogas da Índia, diálogo de natureza científica, onde Orta descreve, como verdadeiro especialista. Afinal, nem Brandónio, nem Alviano são especialistas de coisa nenhuma, nem os receptores das duas obras serão comuns. E a Brandónio interessará tão-só a justificação das grandezas do Brasil.

Procedimento igual ao da flora é o tomado por Brandónio relativamente à fauna, com alguma demora em particularidades como as do peixe-boi que em dois momentos diversos merece referência na obra.

O último diálogo é inteiramente consagrado à descrição do modo de vida das gentes, povoadores e gentios. Rapidamente delineado o perfil do colono, lavrador ou mercador, servido por escravos da Guiné ou gentios, descritas as casas do primeiro, nos campos, de telha e de pindova ou sapé, desabitadas as suas moradias de cidade, referido o modo de vida abastado de uns e outros, o destaque maior é o concedido aos gentios. Traços gerais definem a sua cultura – sem fé, nem lei, nem rei.

Hábitos alimentares, tipos de habitação, costumes particulares e estranhos, como o de caber ao marido o repouso e a recepção das visitas de cumprimentos, aquando do parto da mulher, práticas e rituais guerreiros fazem demorar Brandónio e suscitam constantes interpelações de Alviano.

Nota curiosa é o facto de o olhar sobre o outro raramente deixar transparecer juízos de valor, ou atitudes depreciativas do colono sobre o colonizador, isto se excluirmos a afirmação feita por Alviano, e logo rejeitada por Brandónio, de não distinguir os índios das "brutas feras"<sup>7</sup>.

De qualquer modo, o conhecimento de Brandónio parece limitar-se à generalidade dos hábitos gentílicos, com poucas notas de diferença de uns para outros, excepção feita aos tapuins. Apesar de se enumerarem as diferentes castas, Brandónio acaba por reduzi-las a dois grupos, cujos hábitos divergem apenas pelo facto de uns viverem ainda no sertão e outros terem já contacto com os colonos.

Para além daquilo que se crê serem verdades históricas e poderem constituir-se como áchega para este período da colonização do Brasil, os diálogos entretecem-se ainda de pequenas narrativas marginais, de extensão mais ou menos variável, referidas pelo seu carácter estranho ou até maravilhoso.

De carácter curto, simples alusão quase, são as referências a casos que, por desafiarem as leis da natureza, incorrem na incredulidade de Alviano, apesar de Brandónio os abalizar com o testemunho de outros, como o primeiro que de imediato citaremos, ou com o seu próprio, como o segundo. Referimo-nos às cobras que, mesmo depois de mortas e comidas pelos bichos, renascem das cinzas como a Fénix "formando novamente sobre o espinhaço carne e espírito" e aos jacarés dos quais se diz chocarem os ovos apenas com o olhar<sup>9</sup>.

Um pouco mais longas são duas histórias para as quais se não encontra explicação. A primeira conta a descoberta de vários montinhos de pedras, dispostos em forma de rosário, cruz ou caveira e graficamente representados no texto, permitindo cada um deles a leitura da palavra "outro". São muitos os detalhes de natureza espacial facultados por Brandónio para se poder perceber a disposição de tais sinais, mas a sua interpretação é logo abandonada por se julgar impossível e Alviano sugere mesmo que se volte ao assunto que os ocupava, catalogando os eventos no domínio das coisas "vindouras".

A segunda conta o achado de uma cova na qual os gentios temiam entrar por possuir alguidares com ossadas, que se porventura fossem partidos logo apareciam refeitos. Alviano procura como explicação lógica a possibilidade de se tratar de cemitérios de gentios, mas Brandónio diz não haver nas paragens mais próximas rasto de qualquer ser vivente. E o carácter maravilhoso do acontecimento fica a pairar.

Outros relatos ainda darão conta da descoberta fortuita, e só muito mais tarde entendida como tal, do âmbar. Duma delas é protagonista o próprio Brandónio que, sem saber com que lidava, teria deitado a perder relativa soma de dinheiro.

Tentativas ainda para a explicar a origem do povos primitivos da América são feitas a partir de hipotéticas expedições enviadas àquelas paragens por Salomão com vista ao transporte de ouro e prata para a construção do templo.

De História e histórias, como podemos verificar, se compõem estes Diálogos e pese embora o facto de eles poderem conter algumas inverdades que aos historiadores caberá indagar, a obra tem o mérito de combinar a vertente pedagógico-didáctica, a da dimensão da utilitas, com a do deleite e as histórias a ela trazidas poderão de alguma maneira contribuir para este último desígnio.

É este um diálogo de temática histórico-civilizacional que poderemos englobar na categoria mais abrangente do diálogo documental, proposta por Virginia Cox<sup>10</sup>. A justificá-lo temos o propósito cultural, claramente manifesto até pela forma pedagógica que Brandónio incute algumas vezes ao discurso, a preocupação com os indicadores espaço-temporais que constantemente cruzam o texto, ou ainda a referência a personalidades facilmente identificáveis na época.

A presença da personagem no Brasil pode datar-se a partir de 1583 "eu era então novo na terra"<sup>11</sup> e, conseqüentemente, as informações veiculadas por Brandónio advêm maioritariamente da experiência directa, como sobejamente ela é feita sentir a Alviano. Pôde, por exemplo, testemunhar a evolução da cidade de Paraíba da qual se lembra ter sido outrora coberta por matos<sup>12</sup>. A memória é, pois, em muitas situações, o recurso preferencial para as informações veiculadas no diálogo, sem excluir a consulta de fontes tidas como abalizadas.

Vários passos da obra provam ainda que Brandónio possui um estatuto social que lhe permite, chegado ao reino, transmitir algumas das suas sugestões em matéria de jurisdição ou comércio, por exemplo.

No ano de 1597, diz ele, ter exposto perante os "senhores Governadores" a sua teoria de que era mais rentável o comércio açucareiro do que o das especiarias, ou ainda, a propósito da inutilidade da referida Relação da Baía:

"Verdade é que a Relação da Baía se pudera muito bem escusar e dessa opinião fui sempre, e assim o signifiquei por muitas vezes ao Bispo de Coimbra, D. Afonso de Castelbranco, sendo Governador de Portugal"<sup>13</sup>

Por tudo isto a personagem de Brandónio revela grande verosimilhança. O mesmo já se nos não oferece dizer de Alviano. Apesar da sua alegada ignorância relativamente às coisas da terra, aparece estranhamente a sugerir em vários passos que o diálogo tome determinados rumos, facto pouco compatível com o seu estatuto de recém-chegado à colónia.

Dada a diversidade de temas que as grandezas do Brasil possibilitam, os diálogos não incorrem nunca na monotonia, nem se compadecem com longas tiradas discursivas a que alguns dos textos deste género nos habituaram. O papel das personagens não se reduz também ao da conhecida dicotomia Mestre/Discípulo, o que não implica também a opção por um método socrático. Brandónio não tem dúvidas, não necessitando por isso de procurar o conhecimento da verdade, que ele já possui e que não admite questionação. O Brasil é uma terra grandiosa, e se maior partido dela se não tira, a culpa reside apenas na negligência dos Portugueses.

1 Diálogos das Grandezas do Brasil, 2ª edição integral, segundo o apógrafo de Leiden, Recife, Imprensa Universitária, 1966.

2 Cf. "Introdução" de José António Gonçalves de Melo, feita à presente edição, pp. XVII-XXVI

3 A suprir a ausência de didascália, refiram-se as páginas iniciais do diálogo, de feição preambular.

4 Ibid., p.60

5 Ibid., p.9

6 Ibid., p.196

7 Ibid., p.187

8 Ibid., p.165

9 Virginia Cox, *The Renaissance Dialogue. Literary dialogue in its social and political contexts, Castiglione to Galileo*, Cambridge, University Press

10 Ibid., p.99

11 Ibid., p.20

12 Ibid., p.30